Apresentação do dossiê

Etienne Alfred Higuët

Este dossiê inscreve-se no prolongamento do 23º Seminário em diálogo com o pensamento de Paul Tillich, realizado nos dias 17 e 18 de maio de 2017, na Faculdade Messiânica de São Paulo.

Paul Tillich interessou-se pela dimensão religiosa das artes visuais, como a arquitetura, a escultura, a pintura, o teatro e a dança. Há pouquíssimas alusões ao cinema, que Tillich não chegou a apreciar como uma arte. Assim, em “A situação religiosa do tempo presente” (1926), ele dedica uma seção à arte, cuja primeira parte trata das artes plásticas: principalmente a pintura, mas também a escultura, a arquitetura e a dança. Conforme Jérôme Cottin, ele chegou a afirmar que a obra de arte, *na sua dimensão visual*, era um dos fundamentos do seu pensamento teológico (1994).

As reflexões de Tillich sobre a arte estão presentes, sobretudo, nos comentários que ele fez, de modo oral e escrito, de obras pertencendo ao domínio das artes plásticas, especialmente a pintura. Esses comentários se inscrevem na perspectiva da teologia da cultura, que acompanhou a carreira inteira de Tillich, desde a conferência de 1919 *Sobre a ideia de uma teologia da cultura*, até a Teologia Sistemática (1951, 1957, 1963). Durante os anos do primeiro ensino (1919-1926), a teologia da cultura pretende manifestar a substância ou conteúdo religioso da cultura, isto é, o que diz respeito à questão do absoluto e dos limites da existência humana, e que transparece nas funções teóricas (artes, ciências – como a sociologia ou a psicologia profunda -, filosofia) e práticas (direito, moral, educação, política, técnica) da cultura (ou do espírito). Esta se identifica com o mundo propriamente humano do espírito, o conjunto das atividades criadores do ser humano.

Numa perspectiva teológica, há uma relação íntima entre o espírito humano e o Espírito divino. O Espírito, ancorado na psique humana,

é uma *dimensão da vida que une o poder do ser e o sentido do ser*. A força criadora do Espírito é o fundamento de uma verdadeira “Teologia da cultura”. Assim, a teologia do visual de Tillich é uma Teologia do Espírito. O Espírito é uma força de efetivação: ele tem o poder de transformar a vida; uma força de unificação: ele torna possível a “unidade multidimensional” da vida; uma força de antecipação: o Espírito está em tensão rumo ao momento da realização última, na qual não haverá mais distinção entre a religião e a cultura (Cf. COTTIN, 1994, p. 204-207).

Para Tillich, as criações artísticas expressam algo além delas, elas remetem ao fundamento incondicionado do ser, elas revelam algo do fundamento divino de todas as coisas. Através de uma experiência do sagrado, que vai além da experiência de qualquer realidade cotidiana, as formas artísticas, tanto seculares quanto religiosas, fornecem as chaves da interpretação da existência humana. Quando contempla uma obra pictural, o ser humano é capaz de romper a superfície das formas e penetrar, ainda que fragmentariamente, em seu conteúdo substancial ou poder espiritual, independentemente do tema da obra ser ou não religioso.

A arte expressa a nossa relação com o fundamento infinito da realidade. Ela transforma realidades ordinárias de modo a que estas expressem o poder de algo, além delas mesmas. Pela transformação, a arte é capaz de elevar os elementos naturais da realidade bruta ao nível de símbolos do que transcende o material. E ela antecipa possibilidades de ser que transcendem as possibilidades já dadas. A arte tem o poder de antecipar fragmentariamente a salvação, a reconciliação com o infinito das realidades históricas, mesmo as mais distorcidas. (Cf. CALVANI, 1998, p. 79-80; TILLICH, 1987, p. 11-41)

Entre as tarefas da teologia da cultura, a principal é a análise geral de todas as criações da cultura. É verdade, em particular, para criações das artes visuais. Trata-se de manifestar o “conteúdo substancial” (*Gehalt*) – ou sentido (*Sinn*), ou espírito (*Geist*), ou sagrado (*Heilig*) ou ainda substancialidade espiritual – que, por meio da forma, é apreendido e levado à expressão num determinado objeto (*Inhalt*). “É no conteúdo substancial que a realidade religiosa aparece com o seu sim e o seu não às coisas” (Tillich, 1990, p. 38). No período americano de Tillich, em vez de conteúdo substancial, o teólogo falará de preferência em *Ultimate Concern*, preocupação última.

Aos conceitos de forma, conteúdo ou tema, conteúdo substancial, é preciso acrescentar o conceito de estilo, que é, na realidade, uma especificação da forma no tempo e no espaço. Na Introdução da Teologia Sistemática, Tillich prossegue: “No que diz respeito ao método desta análise teológica da cultura (...) a chave para a compreensão teológica de uma criação cultural é o seu estilo. [...] ‘Ler estilos’ é tanto uma arte quanto uma ciência. Requer-se uma intuição religiosa, com base em uma preocupação última, para penetrar nas profundidades de um estilo, para chegar ao nível em que uma preocupação última exerce o seu poder condutor” (TILLICH, 2005, p. 55).

Entre os três elementos contidos numa obra de arte: tema, forma e estilo, é a forma que providencia o poder expressivo da obra, mas a forma é sempre qualificada pelo terceiro elemento que chamamos de estilo. Cada estilo indica a autointerpretação do ser humano em resposta à questão do significado último da vida, demonstra a preocupação suprema do artista, que é a mesma de seu grupo e de seu tempo (TILLICH, 2009, p.115). Uma das questões será de saber se alguns estilos expressam melhor do que outros a temática religiosa, e se há estilos essencialmente religiosos em contraposição a outros, essencialmente seculares.

Para Tillich, é o estilo expressionista que manifesta a maior afinidade com a religião. O elemento expressivo representa o absoluto diretamente, expressando adequadamente o significado religioso de modo direto, embora por meios seculares e temas religiosos tradicionais. É porque o elemento expressivo do estilo implica na transformação radical da realidade ordinariamente encontrada, usando elementos dela modificados que não se encontram no dia a dia. “O que se expressa é a “dimensão de profundidade” na realidade encontrada, o fundamento e abismo onde tudo se enraíza” (TILLICH, 2009, p. 119). O estilo expressionista valoriza a forma na qual a superfície é rompida, para expressar algo de mais profundo. Esse estilo já existia muito tempo antes dos tempos modernos. Por exemplo, as “crucificações” de El Greco, Grünewald e os Cristos de Rouault (Cf. CALVANI, 1998, p. 87-88). Para Tillich, as formas quebradas do expressionismo testemunham do surgimento do elemento extático no artista: o incondicionado provoca o espírito humano a sair de si mesmo, e o leva até a profundidade abissal da sua existência.

Tillich encontrou no expressionismo uma manifestação privilegiada do espírito protestante. Os conceitos de princípio protestante, de estruturação protestante e de demônico são particularmente importantes para caracterizar a arte “protestante” (como a crucifixão de Grünewald e a Guernica de Picasso). O princípio protestante contém o protesto divino e humano contra toda pretensão absoluta apresentada por realidades relativas, inclusive as próprias igrejas protestantes. A *Gestalt* de graça ou estruturação protestante é um poder de criar formas novas e superiores (artísticas, litúrgicas, comunitárias, políticas etc.). Pois, se o protestantismo é antes de tudo crítico em relação às formas relativas, ele não pode viver sem formas culturais. Além de criticar, ele precisa também estruturar a realidade, a partir da graça divina. A *Gestalt* de graça é transparente. Ela irradia uma realidade que é mais que ela mesma. Ela pode manifestar-se através de todas as formas seculares ou profanas, com ousadia e risco.

O *Dämonisch* é um princípio ambíguo, que contém um elemento criador e um elemento destruidor. É a face obscura do fundamento abissal; é o lado tenebroso do divino, assim como o experimentou Lutero. Poderíamos dizer também que é a perversão do sagrado, o sagrado com um sinal negativo. O demônico corresponde a uma irrupção das profundidades inesgotáveis e abissais do ser, que procura romper as formas finitas do ser para suscitar novas formas. É o elemento abissal do não ser presente na criatura. Ontologicamente, o demônico depende do criativo, do positivo, do divino. Para representar o demônico, todos os pintores precisam mostrar o humano, ou os animais, isto é, a bondade criada numa forma distorcida.

Como a maior parte da reflexão de Tillich sobre a arte, os três primeiros artigos do nosso dossiê são dedicados às artes plásticas, especialmente à pintura. O artigo de Douglas Rodrigues da Conceição: *Literatura bíblica e a pintura de Marc Chagall (1885-1987): “Le sacrifice d’Isaac”*, tem por objeto de análise a tela “Le sacrifice d’Isaac”, de Marc Chagall (1885-1987), que desde 1973 passou a pertencer à coleção permanente do Musée National Message Biblique Marc Chagall, em Nice, França. A questão a ser evocada, neste texto, é a ostensiva convocação estética da narrativa bíblica de Gênesis 22, 9-14 para o interior da referida tela. Parte-se da hipótese segundo a qual a tela em

questão realiza um fenômeno da linguagem denominado por Roman Jakobson de tradução intersemiótica.

O estudo de Danjone Regina Meira: *A obra de arte “Guernica”: diálogos com Tillich e Heidegger* propõe um diálogo entre Paul Tillich (1886-1965) e Martin Heidegger (1889- 1976) a partir da presença da arte na dimensão humana. Nessa perspectiva, foi eleita a obra de arte “Guernica” (1937) de Pablo Picasso, como um exemplo de arte visual que apresenta especialmente a situação existencial. A autora buscou apresentar os aspectos principais da compreensão da arte na dimensão do pensamento de Tillich e Heidegger. A relação fundamental da arte e cultura se apresenta na obra “Teologia da cultura” (1959) de Tillich, destacando-se o aspecto simbólico da “obra de arte”. A arte é, portanto, uma expressão da cultura. Mas, além disso, a “obra de arte” revela o incondicionado, a profundidade do sentido e do “Ser”. Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos principais da compreensão da “obra de arte”, tanto na “ontologia existencial” de Tillich quanto na “ontologia” de Heidegger, após a “virada”, que denominamos de “ontologia poética”.

Durante o último Seminário em diálogo com o pensamento de Paul Tillich, dedicado à relação entre religião e artes visuais, convidamos três artistas plásticos para dar um depoimento sobre o seu encontro com o Sagrado através da arte. Para Denise Nozaki, uma obra de arte é a concretização da imagem autêntica que um artista tem dentro de si. A autora expressa no quadro Malinkaya a transição menina-mulher, divino-humano, presente nela mesma. Para José Vieira, a união entre a religião e a arte leva a alcançar um estado alquímico na relação com a argila, matéria sagrada. “Durante o processo de criação, caminho no vazio e a relação com a técnica passa a ser o fio que me liga como artista ao fazer sagrado”. Nina Arbex procura compartilhar a experiência da criação pictórica no âmbito do Sagrado, remetendo à Bíblia sagrada, a Paul Tillich e Rudolf Otto. Para ela, ao se apropriar do simbólico, o artista encontra o numinoso. “Buscar compreender o Sagrado passou a fazer parte de uma busca essencial não apenas no aspecto religioso, mas também no mundo do artista”. Juntamos os três depoimentos num único texto, intitulado: *Três depoimentos de artistas plásticas*.

É significativo da nossa época que a maior parte do dossiê contemple a arte cinematográfica, da qual Tillich não chegou a compreender a importância no mundo contemporâneo. Contudo, a teologia da arte de Tillich não perdeu sua pertinência para descobrir a dimensão religiosa dos filmes, como é mostrado por vários textos presentes no dossiê.

Dois artigos contemplam a obra do grande cineasta sueco Ingmar Bergman. Em *A fé que oprime em Ingmar Bergman: Considerações a partir de “Luz de Inverno” e “O Sétimo Selo”*, José da Cruz Lopes Marques tenciona propor um diálogo entre teologia e cinema, tendo como fio condutor a temática da fé e suas possíveis relações à luz da doutrina cristã. Para este fim, a discussão é conduzida a partir de dois filmes que aprofundam a problemática da fé. A visão de uma fé que oprime, angustia e desespera em virtude de seu caráter paradoxal e absurdo é discutida a partir dos filmes *Luz de inverno* e *O sétimo selo* do cineasta sueco Ingmar Bergman. Eventualmente, o autor recorre a categorias da filosofia kierkegaardiana a fim de lançar luz ao entendimento apresentado por Bergman nos filmes em questão.

Frederico Pieper traz o texto *Diálogos possíveis. As ambiguidades da vida em Paul Tillich e Ingmar Bergman*, que explora a relação entre linguagem cinematográfica e filosófica para se pensar a religião. Dessa perspectiva, o artigo propõe um diálogo entre Paul Tillich e o cineasta Ingmar Bergman sobre a constituição de si e o lugar do religioso nesse processo. Ambos concebem a vida como marcada pela ambiguidade, propondo o amor como possibilidade de superação do isolamento de si. Apesar das divergências no que concerne ao lugar da religião nesse processo, Bergman nos permite entrever a dificuldade existencial daquilo que Tillich pensa teoricamente.

Por sua vez, Eduardo Gross trata *O tema da finitude em Paul Tillich e o filme The Age of Adaline*. O ser humano precisa reconhecer, racionalmente, a finitude como dimensão inescapável de sua existência. Entretanto, uma gama de símbolos culturais demonstra a dificuldade da aceitação da finitude. Tais símbolos apontam para uma pretensão de transcender esta dimensão. Paul Tillich é apresentado nesta exposição como pensador que lidou com esta dinâmica entre a finitude e o simbolismo de sua trans-

condência. Sua reflexão é colocada em diálogo com o filme *The Age of Adaline*, que manifesta, no âmbito da arte, uma proposta em relação ao caráter dramático desta relação conflituosa entre o reconhecimento dos limites humanos e a ânsia por superá-los.

Em “*Uma pérola no fundo do oceano*”: voz over e sagrado no filme *Cavaleiro de Copas* (EUA, 2015), Sander Cruz Castelo quer mostrar que, da geração da Nova Hollywood, o cineasta norte-americano Terrence Malick construiu um estilo filmico singular, caracterizado, dentre outros elementos, pelo uso intensivo da voz over, empregado de forma a (re)sacralizar o mundo, objetivo-mor do seu cinema. O autor investiga como o diretor utiliza esse recurso estético no filme *Cavaleiro de Copas* (EUA, 2015), atinando para os efeitos transcendentais por ele suscitados.

Falando também em cinema, Joe Marçal G. Santos adota uma perspectiva mais teórica. O artigo *Cinema, realismo e revelação: um diálogo com Paul Tillich e André Bazin* tem como objetivo identificar os principais conceitos da teologia da arte de Paul Tillich, a fim de reconhecer possibilidades e/ou limites para uma abordagem teológica da arte cinematográfica baseada neste arcabouço teórico. Destaca uma correlação entre a compreensão de Tillich do realismo na arte contemporânea e a teoria do cinema de André Bazin. Para esses autores, a autenticidade crítica e criativa da arte depende de sua relação temporal e espacial com o real, ainda que o faça de forma simbólica. A fim de desenvolver este estudo, em um primeiro momento, o autor apresenta argumentos de Bazin a favor do realismo cinematográfico e, então, estabelece conexões conceituais com Paul Tillich.

Enfim, o artigo de Neusa Romero Barazal: *Sobre mestiçagem étnica e expressão da arte*, traz uma abordagem mais geral e mais contextualizada. Considerando que a história da humanidade é a história dos movimentos migratórios e suas consequentes miscigenações, a autora pretende estabelecer uma aproximação entre a mestiçagem étnica, a arte e a religião. Devido à universalidade da arte e da religião como elementos culturais presentes em todas as sociedades, a mestiçagem aqui será entendida como processo de encontro entre as particularidades culturais que resultam em novas formas misturadas de expressar a arte e a religião mestiças na América Latina.

Esperamos que este dossiê possa ser o primeiro de uma longa série, sem deixar, contudo, a relação com o pensamento de Paul Tillich, especialmente na sua Teologia da Cultura. O próximo dossiê, como anunciado na página de rosto da revista, será dedicado à relação entre religião, cultura e políticas públicas. Anunciaremos, em tempo oportuno, os temas dos dossiês de 2018. Deixamos agora o leitor apreciar a riqueza dos artigos que fazem parte deste primeiro dossiê sobre artes visuais.

Referências

CALVANI, C. E. **Teologia e MPB**. São Bernardo do Campo/São Paulo: UMESP/Loyola, 1998.

COTTIN, J. **Le regard et la parole**. Une théologie protestante de l'image. Genève : Labor et Fides, 1994.

TILLICH, P. **On Art and Architecture**. Ed. John e Jane Dillenberger. New York: Crossroad, 1987.

TILLICH, P. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009 (Tradução Jaci Maraschin).

TILLICH, P. **Teologia sistemática**. 5. Ed. Revista. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.